

Gestoras dão 'puxão de orelha' nas empresas em que investem para acelerar agenda ESG

Para acelerar o ritmo de implantação da agenda socioambiental e garantir alto padrão de governança, **gestoras** de investimentos como BlackRock e Robeco estão escolhendo companhias das quais são grandes investidoras para acompanharem de perto, pedindo números, apresentando boas práticas, puxando a orelha e medindo a evolução.

A aposta é no potencial transformador do engajamento **ESG**, o chamado *stewardship*.

- Ao contrário dos filtros **ESG** negativos, criticados por transferir a titularidade de ativos problemáticos para outros investidores, o *stewardship* é uma escolha estratégica que aposta na melhoria da gestão da (empresa) investida em seus aspectos **ESG** - explica Marcelo Seraphim, responsável pelo relacionamento do Principles for Responsible Investment (PRI) no Brasil.

E acrescenta:

- É por meio dele que investidores têm a oportunidade de impactar positivamente o 'mundo real', seja pelo engajamento direto ou pelo voto em assembleia.

Veja imagens da APA de Guapimirim, o 'pantanal fluminense' 8 fotos Pular Pular Pular

Gabriel Hasson, diretor da BlackRock Investment Stewardship na América Latina, uma das casas mais ativas na estratégia de engajamento, com 70 pessoas dedicadas a isso, explica que o propósito é garantir que as companhias se preparem para riscos futuros, tenham uma boa governança e percebam oportunidades.

- Quando algo nos incomoda, pedimos mais informações, damos feedbacks ou explicamos às empresas como podem melhorar a partir de exemplos de nossa rede - comenta Hasson, que esteve no Brasil

em junho.

Só a BlackRock, que administra no mundo quase US\$ 10 trilhões, está envolvida diretamente com 1.001 empresas em 40 mercados, segundo relatório de *stewardship* do segundo trimestre de 2022. Em 2020, eram 440 companhias.

Transparência e parceria

No Brasil, uma das assistidas é a Cogna, do setor de educação. Entre as questões levantadas nas conversas entre a Cogna e a gestora estiveram a composição do Conselho de Administração, sua diversidade, as habilidades dos membros e motivos por terem sido escolhidos. A eficácia e qualidade do Conselho é a primeira dentre as cinco prioridades do programa de *stewardship* da BlackRock.

A gestora também quis entender melhor, por exemplo, o cálculo de remuneração variável do C-Level (executivos que ocupam o topo da hierarquia das empresas, como CEO) da Cogna e pediu detalhes sobre ações trabalhistas.

centivos fiscais alavancam projetos da agenda verde

Juliano Griebeler, diretor de Relações Governamentais e Sustentabilidade da empresa de educação, conta que foram criados três grupos de trabalho, um para cada letra do **ESG**. No pilar ambiental, a companhia espera ter 90% do uso de energia proveniente de fontes renováveis.

No social, se comprometeu a capacitar 150 mil professores de escolas públicas e mais 150 mil pessoas nas áreas de negócios e empreendedorismo, além de prover atendimentos gratuitos à população em saúde, assistência psicossocial, veterinária e jurídico realizados por professores e alunos da Kroton, uma de suas faculdades.

Continuação: Gestoras dão 'puxão de orelha' nas empresas em que investem para acelerar agenda ESG

Hasson, diretor da BlackRock Investment Stewardship - Foto: Divulgação

No âmbito de diversidade, a Cogna quer atingir a equidade de gênero e ter 40% de pessoas pretas e pardas em cargos de liderança até 2025. Pelo menos um terço do Conselho deve ser ocupado por mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ até 2023.

Hoje, dos cinco conselheiros efetivos, dois são mulheres, mas na diretoria não há representante feminina e no Conselho Fiscal, apenas uma entre seis membros.

- Muitos dos compromissos farão parte da remuneração variável dos executivos a partir de 2023 - conta Griebeler.

Seraphim, do PRI, lembra que, para o stewardship ser mais efetivo, o investidor precisa ter uma visão estratégica e de longo prazo com relação às questões **ESG**, enquanto a empresa deve encarar essa "ingerência" do investidor como uma iniciativa positiva:

- Sem transparência e parceria não existe stewardship efetivo.

A gestora holandesa Robeco, que administra mais de \hat{r} 200 bilhões no mundo, a maior parte com integração **ESG**, tem 26 diferentes programas de engajamento e 226 companhias sendo acompanhadas de perto, segundo Peter van der Werf, gerente sênior de Engagement da Robeco.

Com empresas brasileiras, tópicos ligados a florestas e desmatamento são mais comuns, e a gestora está mais próxima das indústrias de carnes, energia renovável, infraestrutura e setor financeiro.

- Quando sentimos que há potencial para empresas melhorarem, procuramos o engajamento. Trabalhamos com dois tipos de engajamento, o valor e o controverso - conta Daniela da Costa Bulthuis, ge-

rente de portfólio na Robeco.

Mais mulheres ocupam cadeiras em conselhos de grandes marcas; veja lista 5 fotos Pular Mais mulheres ocupam cadeiras em conselhos de grandes marcas; veja lista

Em 2021, a casa criou um fundo de investimento com portfólio só de empresas do programa de engajamento - a média de outros é de 10%.

Votar em assembleia é parte do trabalho

Parte importante do trabalho de stewardship é votar em nome de seus clientes, a maioria institucionais, como **fundos** de pensão, endowments (fundos patrimoniais) e grandes fortunas. É o chamado proxy voting, quando o acionista delega o voto nas assembleias das empresas à gestora, depois de alinhar os interesses.

Segundo relatório de 2021 da gestora europeia Robeco, foram 7.723 reuniões de acionistas, sendo mais da metade em países emergentes. Em 54% das reuniões, a casa foi contra o que a administração propunha. Ao todo, 78.729 propostas foram votadas.

No caso da gestora americana BlackRock, em 2021, sua equipe participou de mais de 17.200 encontros de acionistas, tendo votado em cerca de 164.100 propostas, sendo mais de 50% eleições de diretores ou assuntos relacionados ao C-level (executivos que estão no topo da hierarquia corporativa). Em seu relatório do ano passado, a gestora explica que não apoiou a reeleição de vários diretores.

Em geral, aponta, seus votos contrários às pautas que estavam sendo propostas se basearam em questões de governança, como falta de independência e diversidade no Conselho ou preocupações sobre se a remuneração dos executivos estava alinhada com a criação de valor de longo prazo da companhia.

Mesmo com toda a trabalhadeira de programas de

Continuação: Gestoras dão 'puxão de orelha' nas empresas em que investem para acelerar agenda ESG

stewardship, não há 100% de garantia de sucesso. Um caso que não deu certo foi o da gestora de ativos Standard Life Aberdeen (hoje chamada de Abrdn).

Em 2020, ela precisou rever seu processo de engajamento após um escândalo na varejista de moda Boohoo por alegações de más condições de trabalho em alguns fornecedores. As ações despencaram e a gestora, que era uma das maiores acionistas da companhia, se desfez de todos os papéis.

Na época, o porta-voz da casa explicou que havia sido uma experiência "dolorosa", principalmente porque o time de stewardship se envolveu com a

companhia, buscando reforçar as boas práticas com a cadeia de fornecimento. Depois do episódio, tornou mais rigoroso o processo de engajamento, estabelecendo metas e cronogramas de resultados

Fábio Coelho, presidente da **Associação** dos Investidores no Mercado de Capitais (**Amec**), defende que os órgãos reguladores, como a **Comissão** de Valores Mobiliários (**CVM**), exijam mais transparência das companhias, como forma de prevenir greenwashing.